



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Novo arcabouço fiscal pode ser votado na Câmara ainda esta semana

Após aprovação do requerimento de urgência por ampla maioria, o projeto do novo arcabouço fiscal deve ser votado pelo plenário da Câmara ainda esta semana. A expectativa do presidente da casa, Arthur Lira (PP-AL), é que o texto seja submetido para apreciação do plenário na terça ou quarta-feira. O relator, deputado Cláudio Cajado (PP-BA), fez algumas melhorias no texto inicial enviado pelo governo, incluindo gatilhos caso o governo descumpra a meta fiscal, como a proibição de aumento real para servidores públicos, e a necessidade de contingenciamento de recursos. Contudo, seu texto também foi alvo de críticas, ao fixar em 2,5% o avanço real das despesas em 2024, isto é, no teto estabelecido no arcabouço, fato que, nas contas de alguns analistas, pode ampliar em até R\$ 80 bi os gastos federais nos próximos dois anos. Importante observar como as negociações avançarão nos próximos dias e o texto que será aprovado na Câmara (e a implicação em termos de evolução das contas públicas).

Na agenda de indicadores, o mercado estará atento ao resultado do IPCA-15 de maio, que deve manter a cautela quanto ao processo de desinflação. O índice será divulgado na quinta-feira (25) e deve subir 0,64% no mês, pressionado pelos alimentos no domicílio, diante dos problemas de oferta em alguns itens *in natura*, e pelo grupo saúde e cuidados pessoais. Com a alta estimada, o indicador deve ficar relativamente estável em 12 meses, em 4,21% (ante 4,16%). A atenção dos agentes, contudo, segue no comportamento das medidas de núcleos, especialmente dos serviços, que seguem rodando em patamar elevado e apresentando uma desaceleração bastante gradual, validando uma postura mais conservadora do Copom.

A semana também traz outros indicadores, como os números do setor externo, de atividade, confiança e arrecadação de impostos. A FGV divulga hoje cedo o Monitor do PIB de março, que assim como o índice IBC-Br, deve mostrar um bom crescimento da economia no 1º trimestre. A Fundação também divulga as sondagens de confiança (consumidor e setor de construção) de maio, na quinta (25) e sexta (26), respectivamente, importantes para sinalizar o ritmo da economia neste 2T23. Já o Banco Central divulga, na sexta (26), o resultado da balança de transações correntes de abril, que deve manter o quadro confortável das contas externas, beneficiada pelo elevado superávit comercial. Por fim, sem data definida, a Receita Federal informa a arrecadação federal de impostos de abril, que deve registrar ligeiro crescimento real de 0,4% ante abr/22, beneficiada pela reoperação parcial dos combustíveis.

Na agenda internacional, o foco dos agentes seguirá nas negociações sobre o teto da dívida dos EUA, diante do novo impasse entre Republicanos e Democratas. Ainda nos EUA, haverá a divulgação da ata da última reunião do Fomc/Fed. O documento será conhecido na quarta (24) e trará mais detalhes do último encontro da autoridade monetária, possivelmente sinalizando se ainda há alguma disposição do Colegiado em realizar um ajuste residual dos juros, caso a inflação siga elevada.

Quanto aos indicadores, serão conhecidos dados de inflação, renda e gastos pessoais nos EUA. Destaque para a leitura de abril do deflator dos gastos de consumo pessoal (PCE), tido como o indicador de inflação preferido do Fed, que será divulgado na sexta (26) e deve mostrar aceleração, subindo de 4,2% para 4,3% no acumulado em 12 meses. No mesmo dia, serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais, cuja expectativa é de alta de 0,4% em ambos os indicadores, beneficiados pelo mercado de trabalho ainda aquecido no país. Ainda, haverá a leitura preliminar de maio dos índices PMIs da manufatura e dos serviços, na terça (23), cuja expectativa é que indiquem alguma acomodação da atividade no período.

Na Zona do Euro, também serão divulgadas as prévias de maio dos índices PMIs (manufatura e serviços) na terça (23). A expectativa é de que o índice do setor de serviços continue em elevado patamar (em expansão), enquanto a manufatura deve seguir abaixo do nível neutro (em retração).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e as projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/mai	FGV: Monitor do PIB	Mar/23	-	2,5% m/m 2,7% a/a
25/mai	IBGE: IPCA-15	Mai/23	0,64% m/m 4,21% a/a	0,57% m/m 4,16% a/a
25-26/mai	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor e Construção	Mai/23	-	
26/mai	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Abr/23	US\$ -0,2 bi	US\$ 0,3 bi
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Abr/23	0,4% a/a	-0,4% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/mai	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Mai/23 – prévia	-16,8 pts	-17,5 pts
23/mai	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mai/23 – prévia	46,0 pts / 55,5 pts	45,8 pts / 56,2 pts
23/mai	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mai/23 – prévia	50,0 pts / 52,5 pts	50,2 pts / 53,6 pts
23/mai	EUA	Venda de casas novas	Abr/23	-2,9% m/m	9,6% m/m
24/mai	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	03/mai/23	-	-
25/mai	EUA	PIB	1º tri/23 – 2ª leitura	1,1% t/t (atualizado)	2,6% t/t (atualizado)
25/mai	EUA	Venda de casas pendentes	Abr/23	1,0% m/m	-5,2% m/m
26/mai	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Abr/23	0,4% m/m 0,4% m/m	0,3% m/m 0,0% m/m
26/mai	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Abr/23	4,3% a/a	4,2% a/a
26/mai	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mai/23 – final	58,0 pts	63,5 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores de atividade sugerem forte crescimento do PIB no 1º trimestre

Os indicadores de atividade surpreenderam positivamente em março, confirmando uma maior resiliência da economia no 1º trimestre. Com isso, o PIB deve mostrar um crescimento robusto no período, podendo ficar próximo a 1,5%.

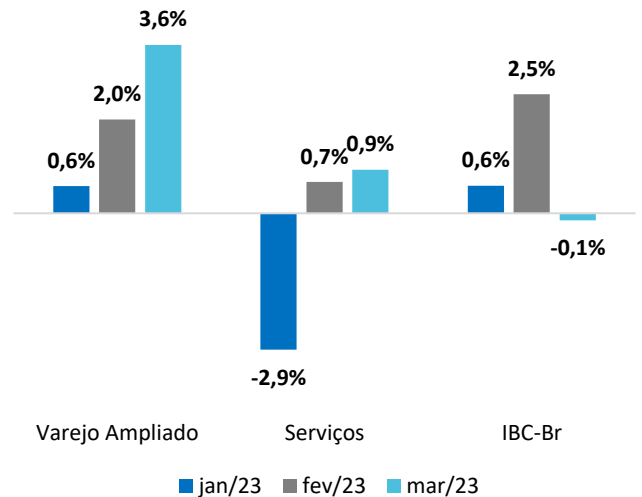
As vendas no varejo ampliado cresceram 3,6% em março, bem acima da expectativa (+0,1%). O avanço foi puxado pelas vendas de veículos (+3,7%) e artigos de informática (+7,7%), enquanto outros importantes segmentos, como combustíveis (-0,1%) e supermercados (0,0%), ficaram estáveis. Com o forte resultado do mês, o setor fechou o 1º trimestre com alta de 3,7% ante o 4T22. Destaque no trimestre para as vendas de itens de vestuário (+15,2%), vendas de veículos (+4,6%) e materiais de construção (+4,0%), neste caso após 9 trimestres em queda.

O resultado sinaliza um bom desempenho do consumo das famílias no trimestre, beneficiado pelo mercado de trabalho ainda aquecido, aumento das transferências de recursos do governo, aumento real do salário mínimo e alguma acomodação da inflação. Ainda, o dado positivo de março deixou uma herança positiva para o 2º trimestre (+3,0%), sugerindo uma nova alta do varejo no período, mesmo se houver alguma estabilização das vendas na margem.

O setor de serviços também surpreendeu positivamente ao subir 0,9% em março (ante expectativa de +0,5%). O avanço ocorreu em 3 das 5 atividades analisadas, novamente liderado pelos serviços de transporte (+3,6%), especialmente de cargas (+4,7%), que segue impulsionado pelo bom desempenho do setor agrícola, além da mudança estrutural do varejo, com aumento das vendas online. Na outra ponta, os serviços prestados às famílias recuaram 1,7% no mês, a segunda queda seguida, em mais um sinal de esgotamento dos efeitos positivos do processo de reabertura da economia.

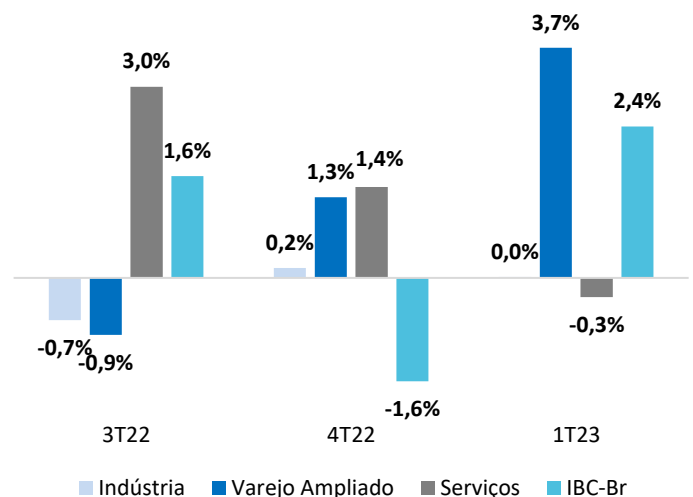
No geral, a despeito da surpresa positiva no mês, o resultado compensou apenas parte do recuo de janeiro (-2,9%), com o setor fechando o 1º trimestre em baixa (-0,3%). De toda forma, a queda dos serviços foi concentrada na atividade outros serviços (-4,0%) no período, enquanto as demais atividades registraram números ligeiramente positivos, com destaque para os transportes (+0,7%). Em suma, o resultado confirma a tendência de algum arrefecimento do setor em 2023, após a boa recuperação em 2021/22 (pós-pandemia).

Quadro 1: Indicadores de Atividade Var.% Mensal



Fonte: IBGE e BCB.

Quadro 2: Indicadores de Atividade Var.% Trimestral (ante o Trimestre Anterior)



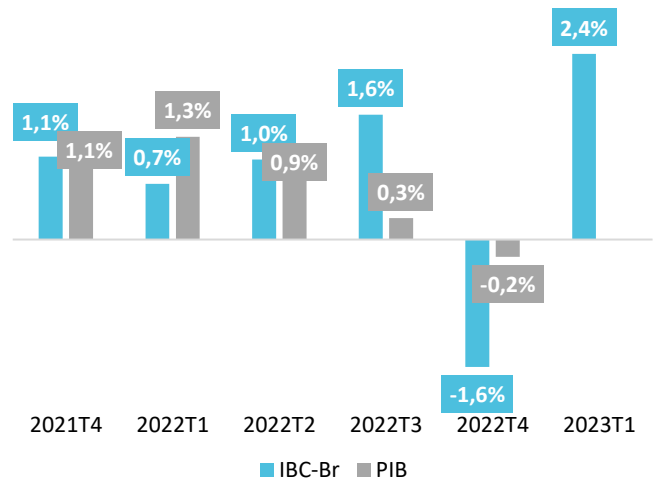
Fonte: IBGE e BCB.

Já o índice IBC-Br de atividade econômica, *proxy* mensal do PIB calculado pelo BCB, recuou 0,15% em março, também acima das expectativas (-0,5%). O resultado apenas devolveu parte das altas dos últimos meses, em especial fevereiro, quando o índice subiu 2,53%. Com isso, o índice registrou expansão de 2,4% no 1º trimestre. A forte alta da atividade no período reflete a safra agrícola recorde (principalmente soja) e o bom desempenho do consumo das famílias.

Embora historicamente apresente alguma discrepância com o dado oficial do PIB divulgado pelo IBGE, o índice IBC-Br sugere um crescimento robusto da economia no trimestre, próximo a 1,5%. Caso se confirme (o resultado oficial será conhecido no dia 01/jun), deve levar a uma revisão de alta nas projeções de expansão do PIB deste ano, provavelmente também para cerca de 1,5%.

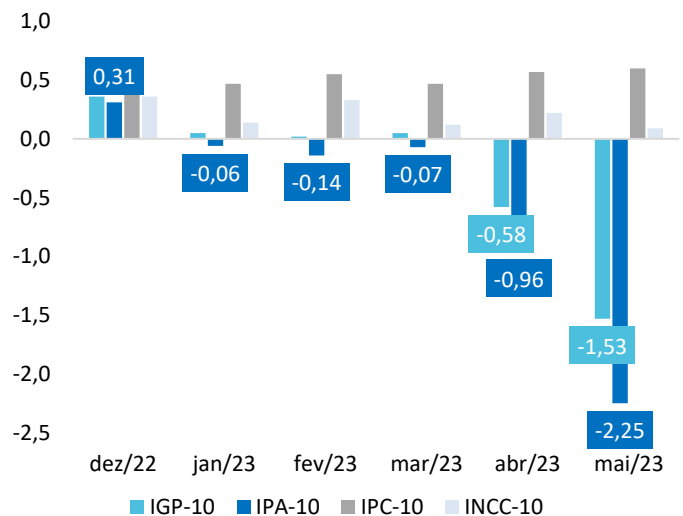
No âmbito inflacionário, o índice IGP-10 caiu 1,53% em maio, maior deflação mensal desde setembro de 1993. O indicador seguiu mostrando forte deflação de importantes *commodities*, como minério de ferro (-11,50%), soja (-10,41%) e milho (-12,48%), mantendo a descompressão dos preços no atacado (IPA), tanto em alimentos quanto nos bens industriais. A expectativa é que tais quedas sejam vistas em breve no varejo, ajudando no processo de desinflação da economia. O aprofundamento da deflação do IPA tem mantido o IGP no campo negativo em 12 meses, recuando de -1,90% para -3,49%.

Quadro 3: PIB vs IBC-Br
Var.% ante o Trimestre Anterior



Fonte: IBGE e BCB

Quadro 4: IGP-10 e Aberturas
Var.% mensal



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Discussão sobre teto da dívida domina atenções nos EUA, enquanto atividade dá sinais mistos

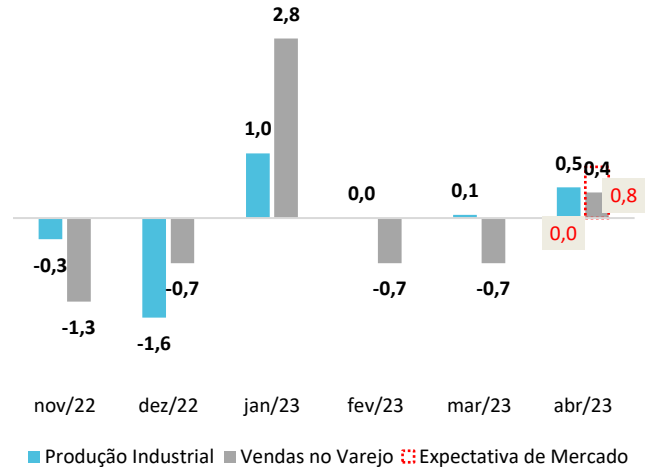
Durante a semana, o humor dos mercados foi pautado, em grande medida, pela discussão sobre o teto da dívida soberana dos EUA. Ao longo da semana, houve algum otimismo por parte dos agentes que a Casa Branca e o Congresso chegariam a uma solução para o problema. Porém, as conversas foram interrompidas na sexta (19), sem planos para serem retomadas, segundo o Presidente da Câmara, Kevin McCarthy (Partido Republicano), o que pesou negativamente para as bolsas do país. Em resumo, o governo Biden e os Democratas buscam aumentar o teto da dívida do país sem contrapartidas, enquanto os Republicanos (maioria da Câmara) entendem que é necessário uma redução dos gastos. A secretária do Tesouro, Janet Yellen, afirmou que o governo federal tem recursos para honrar seus gastos apenas até o dia 1º de junho, caso não haja uma solução para o impasse. De toda forma, também no fim da semana, após falas mais duras (*hawkish*) de alguns dirigentes do Fed, Jerome Powell, presidente do Fed, demonstrou preocupação com o estresse no setor bancário, sugerindo que, de fato, o ciclo de alta dos juros chegou ao fim, embora tenha reforçado que as próximas decisões do Comitê (Fomc) ainda estão em aberto, o que ajudou a conter o pessimismo.

Já os indicadores de atividade dos EUA vieram com sinais mistos nas leituras de abril. A produção industrial subiu 0,5% no mês, acima das expectativas (0,0%), com contribuição positiva da manufatura (+1,0%) e mineração (+0,6%). Por outro lado, as vendas no varejo se recuperaram de forma mais tímida do que o esperado, ao subir 0,4% (expectativa +0,8%), após as quedas em fev/23 e mar/23. No setor imobiliário, houve surpresa positiva com a construção de casas novas (+2,2% ante expectativa de -1,4%), mas os demais indicadores: vendas de casas existentes (-3,4%) e licença para novas construções (-1,5%), voltaram a cair no mês.

Na China, a atividade cresceu em abril no comparativo anual, ainda se beneficiando da fraca base de comparação, em função do abandono da política de Covid-zero. Contudo, os indicadores ficaram aquém das expectativas. A produção industrial cresceu 5,6% (ante expectativa de +10,9%), enquanto as vendas no varejo subiram 18,4% (ante expectativa de +22,0%).

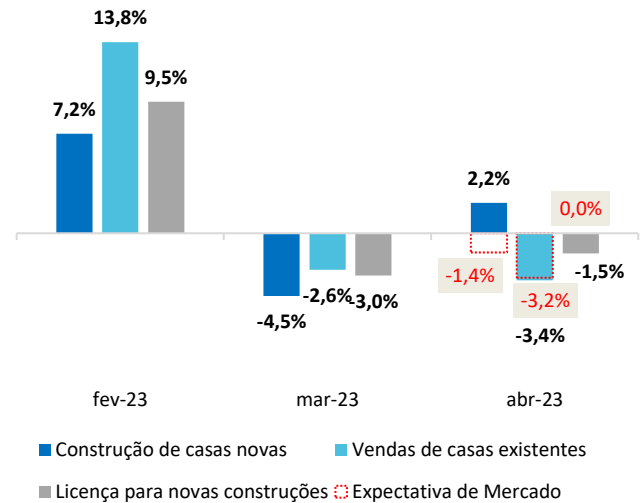
Na Zona do Euro, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de abril confirmou a prévia ao acelerar para 7,0% (ante 6,9%), em base anual, reforçando a preocupação com o tema na região. Já a atividade decepcionou em março. A indústria recuou 4,1% no mês, maior queda desde o período inicial da pandemia.

Quadro 5: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



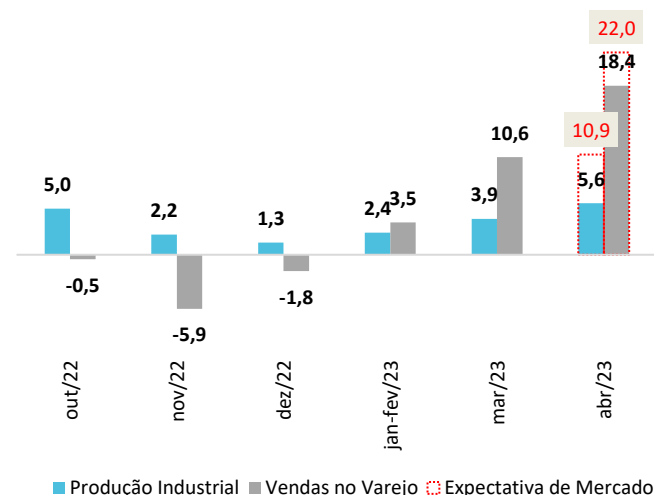
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Setor Imobiliário – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: China – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para expansão do crédito em 2023 mostra ligeira melhora

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 19 bancos entre os dias 10 e 17 de maio, captou uma ligeira melhora na projeção para o crescimento do crédito em 2023. Agora, a projeção média é de alta de 8,1% no ano (ante 7,9% estimado na pesquisa anterior, realizada em mar/23). A revisão foi puxada pela melhora na expectativa do desempenho do crédito destinado às famílias, que teve revisões positivas tanto na carteira livre como na carteira direcionada, compensando a piora da perspectiva para o crédito destinado às empresas.

Neste sentido, a projeção de expansão da carteira Livre subiu de 6,8% para 7,1%, em função da revisão no carteira PF (de +8,3% para +8,5%). Por outro lado, houve redução da perspectiva de expansão da carteira PJ Livre, de 5,1% para 3,9%. Também houve revisão positiva na projeção para o crédito direcionado, cuja expansão esperada subiu de 8,4% para 8,8%, influenciada pela revisão positiva em PF (de +8,9% para +9,6%). Já o crescimento esperado para o crédito PJ Direcionado reduziu, porém, neste caso, de forma bastante sutil, de 6,9% para 6,8%.

Assim, no geral, a pesquisa captou uma divergência entre a expectativa para o crédito destinado às famílias e às empresas. No caso do primeiro, a impressão é que o pico da inadimplência pode estar próximo, fato que pode levar a uma desaceleração menos intensa da carteira ao longo do ano. Além disso, os

estímulos implementados pelo governo e a maior resiliência do consumo das famílias também são vetores que podem evitar um maior arrefecimento da carteira.

Por outro lado, o segmento corporativo continua desafiador, diante do aumento do risco (caso Americanas e aumento da quantidade de pedidos de recuperação judicial), além de um possível menor apetite das empresas por crédito (especialmente para investimento), dado o cenário econômico ainda adverso. Tal quadro tende a conter tanto a oferta como a demanda por crédito, ajudando a explicar a piora das projeções no segmento.

A pesquisa também captou ligeira piora na perspectiva para a inadimplência da carteira Livre em 2023, que subiu de 4,7% (pesquisa de março) para 4,8%. Assim, os agentes continuam esperando certa deterioração do indicador até o final do ano, dado que a inadimplência desta carteira ficou em 4,6% em mar/23, segundo o BCB. Para 2024, a projeção ficou estável em 4,6%, o que representaria uma ligeira melhora com relação à expectativa para este ano.

Para 2024, a projeção para a expansão da carteira total também registrou modesta melhora, subindo para 7,8% (ante +7,6%), com revisão positiva na maioria das aberturas.

O Quadro 8 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, comparando os resultados com o obtido na pesquisa anterior, realizada em março.

Quadro 8: Projeções para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2023		2024	
	Pesquisa Mar/23	Pesquisa Mai/23	Pesquisa Mar/23	Pesquisa Mai/23
Carteira Total (var. % – total do SFN)	7,9	8,1	7,6	7,8
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	6,8	7,1	7,4	7,8
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	5,1	3,9	6,6	7,4
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,3	8,5	9,0	9,0
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	8,4	8,8	7,7	7,8
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	6,9	6,8	6,2	7,2
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,9	9,6	8,3	7,9
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,7	4,8	4,6	4,6

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

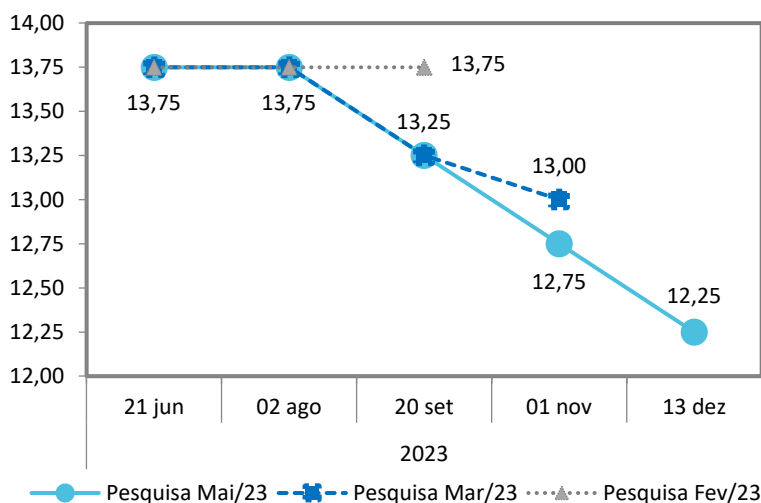
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- A maioria dos participantes (68,4%) avaliou que a comunicação do Copom foi adequada ao não sinalizar um possível corte dos juros no curto prazo. Para o restante (31,6%), o Colegiado já poderia ter condicionado o início da redução da Selic, dando mais flexibilidade para sua próxima decisão.
- Quanto ao início da flexibilização monetária, praticamente não houve mudança (ante a pesquisa de março) na percepção dos agentes em relação ao início do processo de corte da Selic, com a maioria (57,9%) ainda apostando que ocorrerá a partir do 3T23.
- Assim, a mediana das expectativas projeta o início da flexibilização em setembro (-0,5 pp), com mais dois cortes de mesma magnitude nas reuniões de novembro e dezembro, o que levaria a taxa Selic para 12,25% aa no fim de 2023.
- Em relação à inflação, a maioria (68,4%) dos participantes acredita que as projeções em torno de 6,0% para este ano

estejam bem calibradas (com riscos simétricos de alta e baixa). De toda forma, percebe-se uma ligeira melhora ante a pesquisa anterior, dado que ninguém assinalou que espera que a inflação ficará acima de 6% no ano (ante 47,4% na pesquisa de março).

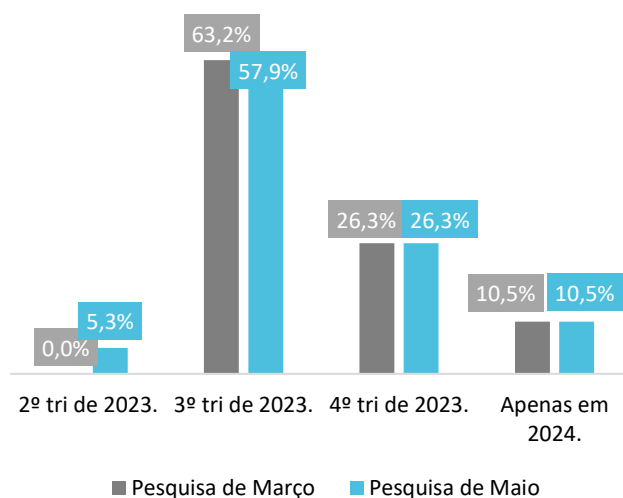
- Quanto à atividade, pouco mais da metade dos participantes (52,6%) segue projetando um crescimento do PIB em torno de 1,0% neste ano. Por outro lado, para 42,1%, a alta deve ser maior e ficar próxima a 1,5%.
- Em relação ao aperto monetário nos EUA, é quase unanimidade entre os participantes (84,2%) que o Fed encerrou sua ciclo de alta dos juros e irá manter a taxa das *Fed Funds* entre 5,0% a 5,25% aa até o fim do ano.
- No mercado de crédito doméstico, a maioria dos participantes (73,7%) entende que o ritmo atual de desaceleração deve ser mantido ao longo do ano. Ainda, entendem que tal processo está em linha com o atual estágio da política monetária.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 9: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 10: Perspectiva para início da flexibilização monetária – % de respostas



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Resultado Corporativo 1º Tri/23 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 8,6 bilhões no 1º trimestre de 2022, ligeiramente acima do esperado pelo mercado (R\$ 8,4 bi). O resultado representa uma queda de 5,4% ante o 4T22, mas uma alta expressiva de 28,9% ante o 1T22. Já a rentabilidade (ROE) da IF atingiu 21,0%, caindo 2,0 pp no tri e subindo 2,8 pp em 12 meses.

Na comparação com o mesmo período do ano anterior, o crescimento do lucro refletiu a evolução positiva da margem financeira e das receitas de serviços. A margem financeira bruta subiu 38,0%, tanto em função da boa performance da tesouraria (+72,1%), como da elevação das receitas advindas da carteira de crédito (+35,1%), neste caso, em função do maior volume de crédito e do aumento das taxas.

Neste mesmo comparativo, os gastos com PDD avançaram 112,3%, compensando parte da melhora da margem bruta. A alta, segundo o banco, foi impactada pela alteração societária no controle acionário de um cliente do Atacado do setor agroindustrial, que teve processo de recuperação judicial homologado em 2019 e acarretou em alteração (piora) no perfil da dívida, pressionando a PDD formada por perdas por *impairment*. Segundo o BB, houve liquidação da operação de crédito bancário, ao mesmo tempo que foram emitidas debêntures com reconhecimento imediato de 100% de perda. Já os gastos da PDD de risco de crédito diminuíram 7,5%, mas não o suficiente para compensar o movimento de alta citado acima.

Outro ponto positivo do resultado foi a alta de 8,1% das receitas de serviços, puxada pelos ganhos com cartão de crédito/débito (+20,4%) e seguros, previdência e capitalização (+10,7%).

Por outro lado, as despesas administrativas subiram 6,1%, pressionadas pelo avanço das despesas de pessoal (+8,3%). Com isso, o índice de eficiência (quanto menor, melhor) atingiu 29,0%, o melhor patamar da série histórica (desde 2014).

A carteira de crédito ampliada, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,032 tri no final de março, com alta de 2,7% ante o 4T22 e de 16,8% ante o 1T22. No comparativo em 12 meses, a carteira agro foi o destaque com alta de 26,7%. Já a carteira PJ cresceu 12,7%, beneficiada pela expansão de TVMs privados e garantias (+14,6%), recebíveis (+24,8%) e, em menor medida, capital de giro (+10,7%). A carteira PF, por sua vez, cresceu 11,7%, com ênfase nas linhas de veículos (+66,9%), cartão de crédito (+13,2%) e empréstimo pessoal (+13,1%). Vale destacar que o forte avanço na carteira de veículos está ligado a compra de carteira (e não apenas via originação própria).

Por fim, a inadimplência (acima de 90 dias) ficou praticamente estável na margem (+0,1 pp), atingindo 2,6% da carteira. No trimestre, a piora foi concentrada na carteira PJ (+0,3 pp), enquanto a carteira PF ficou estável em 5,4%. Na comparação anual, houve alta de 0,7 pp, liderada pela carteira PF (+1,6 pp), mas também com alguma piora na carteira PJ (+0,9 pp).

Quadro 11: Resultado 1T23 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	1T22	4T22	1T23	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.037.602	2.029.384	2.114.744	4,2%	3,8%
TVM	364.932	430.085	435.400	1,2%	19,3%
Depósitos	686.715	777.184	774.859	-0,3%	12,8%
Patrimônio Líquido	153.014	164.014	169.533	3,4%	10,8%
DRE					
Margem Financeira Bruta	15.332	21.451	21.161	-1,4%	38,0%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-2.758	-6.534	-5.855	-10,4%	112,3%
PDD - Risco de Crédito	-4.487	-8.164	-4.148	-49,2%	-7,5%
PDD - Recuperação de Crédito	2.110	2.300	1.889	-17,9%	-10,5%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	7.525	8.437	8.132	-3,6%	8,1%
Despesas Administrativas	-8.200	-8.918	-8.698	-2,5%	6,1%
IR/CSLL	-1.560	-3.164	-2.564	-18,9%	64,3%
Lucro Líquido Ajustado	6.633	9.039	8.550	-5,4%	28,9%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	18,2%	23,0%	21,0%	-2,0 pp	2,8 pp
ROAA	1,3%	1,7%	1,7%	-0,1 pp	0,3 pp
Índice de eficiência	34,7%	29,4%	29,0%	-0,4 pp	-5,7 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	883.511	1.004.607	1.032.070	2,7%	16,8%
Interna	844.439	957.859	984.597	2,8%	16,6%
PF	268.793	289.614	300.120	3,6%	11,7%
PJ	321.069	358.533	361.966	1,0%	12,7%
Agronegócios	254.577	309.711	322.511	4,1%	26,7%
Externa	39.071	46.749	47.474	1,6%	21,5%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,3%	0,7%	0,6%	-0,1 pp	0,3 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	1,9%	2,5%	2,6%	0,1 pp	0,7 pp
Índice de Basileia	17,7%	16,7%	16,2%	-0,5 pp	-1,5 pp
Cobertura > 90 dias	297,0%	227,1%	202,7%	-24,4 pp	-94,4 pp

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

Regulação - Conselho Monetário Nacional (CMN)**CRÉDITO / BANCOS**

O Conselho Monetário Nacional (CMN) editou 6 resoluções na última semana. A seguir os links e as respectivas descrições:

[Resolução CMN nº 5.077, 18/5/2023](#) – Faz alterações em Resolução que trata sobre apuração de Patrimônio de Referência Simplificado (PRS5)

Com as alterações, a Resolução nº 4.557, de 23 de fevereiro de 2017, foi atualizada.

[Resolução CMN nº 5.076, 18/5/2023](#) – Também faz alterações em resoluções que tratam sobre PRS5

Resoluções nº 4.557 e nº 4.606 foram alteradas.

[Resolução CMN nº 5.075, 18/5/2023](#) – Amplia renegociação de operações do Pronaf

A resolução ajusta um item (Item 25, Seção 1, Capítulo 10) do Manual de Crédito Rural (MCR) ampliando a renegociação de operações de crédito rural do Pronaf, aumentando de duas para três o número de vezes em que as parcelas de investimento dos pequenos produtores pode ser prorrogada.

[Resolução CMN nº 5.074, 18/5/2023](#) – Passa a permitir financiamentos para a correção de solo no Moderagro

A norma volta a permitir que os produtores rurais se utilizem de recursos disponibilizados no Programa de Modernização da Agricultura e Conservação dos Recursos Naturais (Moderagro) com o intuito de “apoiar a recuperação dos solos” se utilizando de corretivos agrícolas.

[Resolução CMN nº 5.073, 18/5/2023](#) – Eleva os limites de créditos para estados, DF e municípios

A resolução, de forma resumida, aumentou para R\$ 6 bilhões o limite global de crédito para os estados e municípios ao longo deste ano. Para 2024 e 2025 o limite será de R\$ 5 bilhões. O novo limite entra em vigor a partir do dia 1º de junho.

[Resolução CMN nº 5.072, 18/5/2023](#) – Aprovou recursos junto à União para financiamento ao Funcafé

O CMN aprovou o volume de R\$ 6,3 bilhões, consignados junto ao orçamento da União, a serem destinados para o amparo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé).



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	19/05/23	12/05/23	20/04/23	Viés	19/05/23	12/05/23	20/04/23	Viés
IPCA (%)	5,80	6,03	6,04	▼	4,13	4,15	4,18	▼
PIB (% de crescimento)	1,20	1,02	0,96	▲	1,30	1,38	1,41	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,50	↔	10,00	10,00	10,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,15	5,20	5,15	▼	5,20	5,20	5,25	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	19/05/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,00	1,56%	0,20%	-5,34%	1,39%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	217,27	-3,98%	-3,25%	-14,48%	-12,57%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	-0,01%	-0,01%	-0,06%	6,65%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,64	-0,40%	-1,43%	-5,73%	-4,81%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,56	0,45%	-3,78%	-8,41%	-3,64%
Índice Ibovespa (em pontos)	110.744,51	2,10%	6,04%	0,92%	3,49%
IFNC (setor financeiro)	11.263,88	1,36%	7,68%	9,85%	10,21%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	0,00%	5,00%	16,67%	425,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,27	6,99%	6,48%	-3,61%	63,61%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,67	6,07%	7,32%	-5,22%	29,45%
Dollar Index	103,20	0,50%	1,51%	-0,31%	0,46%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.191,98	1,65%	0,54%	9,18%	7,46%
Índice de ações de bancos – EUA	82,05	6,19%	-8,31%	-28,08%	-25,04%
Índice Euro Stoxx 50	4.395,30	1,79%	0,83%	15,86%	20,73%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	104,37	1,11%	0,80%	8,88%	19,55%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	75,58	1,90%	-4,98%	-12,02%	-32,54%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira